

ALCOÓLATRA COM OVO

O.C. Louzada Filho

Segunda-feira de manhã fui de São Paulo a Alcantis pela estrada entupida de fábricas, trevos de acesso às cidades e cartazes que anunciavam produtos inúteis, para encontrar o Souza às oito e meia da manhã como combinado. Anos atrás a mesma estrada — que já tinha duas pistas — ainda percorria alguns pastos e plantações. As cidades eram menos cretinas, não havia o paliteiro de edifícios que nelas cresceu. O dinheiro das fábricas com seus out-doors também não se mostrava tão insolente. Havia mais de seis anos que eu já não tinha ilusões, mas não deixava de me chocar com o crescimento dos que venceram. Antes, as vezes em que passei por ali ainda havia, além dos pastos e da indústria mais mansa, a esperança em meu empenho. Que depois virou medo. E por fim a necessidade de sobreviver. Daí aceitar um trabalho chato na segunda-feira, contratado pelo escritório do Souza, no fundo igual a outro qualquer. Tinha, pelo menos, que cumprir os meus horários. E resolver a tarefa: levantar um terreno, usar teodolito e computação exata dos dados levantados no campo, isso afinal não me ofendia. Sobrevivi. E nunca me pareceu que o dinheiro ganho com topografia fosse pior do que pudesse conseguir com outra forma de trabalho. Cheguei em tempo a Alcantis, encontrei meu contratante no lugar combinado e começamos o trabalho no campo.

Por aqui, já me tinham dito, o calor é muito forte. Não sei se o colega notou como é bem mais quente do que São Paulo, apesar de estarmos perto e da altitude ser pouco menor. 580 metros? Tem razão, tinha me esquecido. Tenho minhas anotações de campo em ordem, mas como a gente começa o nivelamento a partir de uma RN arbitrária (e o que é uma Referência de Nível aqui senão uma cabeça de prego numa estaca de madeira?), a cota 100 que assumimos faz esquecer que 100 é na verdade 580 acima do nível do mar, não é? Porque se alguma coisa eu realmente aprendi na escola foi Topografia. Não que eu gostasse muito. O colega, pelo que sei, gosta e se aperfeiçoa. E não seria outro o motivo de tê-lo convidado para este trabalho. Sabendo dos novos aparelhos que usa, mas mais que isso sabendo de sua capacidade.

Mas veja: Cálculo. Como é que eu ia me interessar por isso (passei, com dependência) quando nunca ia ser calculista? Cada um sabe de si, não acha? Por isso mesmo, me conhecendo como me conheço, não ia nunca me imaginar num escritório, placas com nome famoso em obras de grandes estruturas. Para mim a engenharia sempre foi uma coisa um pouco diferente disso. Sei meus limites, me conheço e conheço a minha ambição. Para ser claro, se você me permite, a topografia dá pra ganhar dinheiro mais depressa, como eu já conseguia com alguns trabalhos antes de me formar. Aliás, como deve ter notado, é exatamente por isso que estamos aqui. Não que se ganhe tanto, mas você (o colega concorda com o tratamento?) aceitou colaborar porque, naturalmente, não estou pagando mal, certamente. Afinal, por uma poligonal como essa, apenas com pontos A, B, C, D, para marcar... Claro que o cálculo da área deve ser feito, e tudo — sempre insisti na maior precisão. Mas pagam bem, o que não é de estranhar. Por quê? Pois é, dizia que não é de estranhar porque o trabalho de levantamento topográfico foi sempre muito bem pago. Parece mesmo estranho, é claro, tanto dinheiro em tão pouco tempo para levantar apenas um quadrilátero. E você lembra, ah, da casa da fazenda?

"Uma casa de fazenda achada e lembrada." Tinha a impressão de uma estória, em todos os reencontros. Essa casa me marcava mais que algumas outras, como a de meu pai — seca e rentável —. Havia uma varanda muito antiga, de assoalho de tábuas largas, uma trepadeira com flores amarelas do lado. Uma escada com uma velha roseira trepadeira, essa parecida com a que meu pai levava a sério, das poucas flores que cultivou na fazenda de antes da cidade. E havia principalmente o velho fazendeiro, seu Eustáquio, nos oferecendo café na sua cadeira de balanço quando — dois engenheiros e um jipe — fomos até ele. Não sabia nada, nem se interessava. E reconheço que, mais que da infância ou de meu pai, talvez ele me fizesse lembrar de livros. Era um pouco complicado conciliar isso com meu trabalho irritante de levantar terras, mas ele nem por um momento tocou em áreas, divisas, valores: falou do galo índio que criava com cuidado. Me lembrei, pensando em mim, do Monsenhor visitando a fazenda de meu pai, para minha irritação: "isto é um refrigerio para a alma!". Do que me sobrava, sobravam também as casas velhas de fazenda. Que compensavam o trabalho de carregar num jipe: níveis, trânsitos, teodolitos destinados a levantar pedaços de terra. (Meu trabalho, à falta do melhor uso que poderiam ter tido.) Não creio no que faço, por isso faço bem feito.

Mas veja bem: quando chegamos na casa, deveria ser umas nove horas da manhã. Natural então que não estivessem preparados para nos receber. Por isso, talvez, o descuido do terraço, ainda em desordem (a casa ainda não devia ter sido arrumada, entenda também por isso o jeito do velho) — pois é, do seu Eustáquio, que você lembra tão bem e que lhe foi tão simpático, também para mim —. Depois, compreendo a sua dúvida: confesso que ele não parecia estar muito a par do nosso trabalho, mas talvez seja a idade já avançada. Note bem que ele é um velho.

Mas por isso eu dizia, sem querer interrompê-lo — suponho que você tivesse mais alguma dúvida sobre o percurso exato que fecha a área que estamos levantando, não é? — que na escola de engenharia chega até o fim quem melhor sabe das coisas. Não do curso não, entenda, mas quem sabe das coisas mesmo, que a gente aprende antes, dentro e fora da escola. Eu quero dizer é que quem não faz um rolo não se forma.

É preciso se meter um pouco em tudo, senão a gente fica de fora. Assim, acho eu, é que a gente consegue se formar numa escola de engenharia. Quero dizer, não sei se a sua foi igual à minha. Mas lá a gente fazia rolo ou não saía. Sabe como é, não puxar saco de professor — coisa que muito filho da puta fazia — mas é preciso ficar por dentro senão não se consegue nada. É, com licença, como aqui neste nosso trabalho. Se eu não nívelo direito o teodolito, você consegue trabalhar direito? Depois, tem muita gente pensando em passar por cima dos outros. Não eu, que você sabe que não estou interessado em continuar qualquer trabalho por aqui. — A fábrica, quer dizer a firma, só tem este curto prazo para conseguir bom resultado com pouco trabalho. — Não é por desinteresse pelo seu trabalho cuidadoso, entenda. Nem eu teria jeito de fazer sacanagem com um cara como você. Mas às vezes fazem. E eu te aviso: às vezes quem não faz não consegue coisa alguma.

Vamos supor, por um instante e por exemplo, que o colega fosse um bom filho da puta. (Desculpe a expressão, só como exemplo.) Ou então que não fosse meu amigo, porque já posso chamá-lo assim. Uma questão de simpatia: tem gente que inspira respeito, outras que não. Não é à toa aliás que te chamo de você, amigo e colega. Pois bem, como eu dizia: vamos supor por um momento que você fosse um indiferente filho da puta e que eu — se não tivesse minha vida já assentada — quisesse um emprego numa companhia para a qual a gente, nós dois, estivesse trabalhando. Aí então eu não podia mexer no teodolito, fazer de conta que nivelei, deixar um pouco desregulado e fora de nível e deixar você fazer o trabalho assim? Não podia? Pois tem gente que faz: você ficava achando que o trabalho era seu, que tinha aproveitado a minha ausência, que conseguia subir. Eu ficava quieto e no fim o cálculo saía errado, a poligonal não fechava, a companhia ia ter prejuízo (se eu — fazendo que estive doente — não mexesse depois, já recuperado, porque percebia o erro e corrigia o seu trabalho). Você perdia o emprego, o meu ficava garantido. Tudo em hipótese, como lhe disse. Se a gente estivesse trabalhando numa mesma companhia dessas grandes onde um quer o emprego do outro.

Por favor, não leve a mal. É como amigo que te conto, que eu nunca iria fazer isso com um amigo como você (se eu não fosse — na hipótese que assumimos, de uma grande companhia e não no meu escritório — não estaria contando, não é?). Porque amigo é amigo mesmo, ou então não presta. É como eu te dizia da escola: tem quem é amigo, tem quem não é. E quem não percebe não é amigo do amigo, nem de si mesmo. E não faz rolo quando precisa, nem se forma. Ou, se consegue por sorte ou cu-de-ferro ser engenheiro, se estrepa depois. Porque aqui fora é como lá dentro.

Poligonais são figuras com vários lados, côncavas ou convexas, cujos limites fecham uma área. O que eu não conseguia entender é como o Souza pretendia fechar uma poligonal indefinida. Naquela manhã de sol forte, depois do café do seu Eustáquio, não compreendia que se tentasse levantar os limites de uma fazenda sem conhecê-la. Elas têm seus espaços, suas divisas e fronteiras, e ali não havia nenhuma que eu conhecesse de início. Topografia pode ser um saco. Mas o que eu não entendia nem aceitava era a idéia de fazer um trabalho sem início nem fim, apenas números perante um terreno de milharal e pastos no qual a gente trabalhava. (Eu queria saber se conhecer exatamente o caminho a seguir não muda, um pouco que seja, o trabalho de levantar um terreno.) Trabalho nosso tão valioso, como insistentemente o Souza lembrava.

Mas eu vejo o seu interesse pelo nosso trabalho. Do marco A ao marco B, até o marco C. Exatamente. Como? Fechando a poligonal em torno da fazenda? É. Pois é. Bom, demora para a gente acabar o levantamento. Se aquela capoeira fica fora ou dentro da fazenda? Acho que uma vez que queremos terminar logo o trabalho, nos falta tempo. Eu nem pensei direito no assunto: onde começa e onde acaba. Notaremos o percurso percorrendo, não é? Ah, ah. Não quero fazer trocadilhos, tenho ódio, mas têm sua graça quando é sem querer. Pois é, e tem a sua verdade: prosseguindo o trabalho de topografia vamos conhecer como ninguém as divisas encomendadas, quando chegarmos ao fim.

Seu Eustáquio? Pois é, você se lembra sempre do café na varanda. Mas não sei se ele mesmo sabe muito bem. Das divisas, quero dizer. Por falar nisso, vejo que o galo do velho chama sua atenção. A minha também. Aliás, a casa da fazenda deve ser antiga, com aquele terraço, trepadeira do lado — que protege do sol — com cadeira de balanço e rede. Comove? É. Você talvez seja do Norte, não? Não? Pois é, um belo galo que o velho cria, colorido, com uma longa cauda e uma crista enorme. Talvez tivesse jeito para brigar. Se bem, claro, que é um galo cantador. Galo índio, como ele disse? Engraçado como o velho se preocupa com ele. Interrompe até o que está falando para ouvir o galo cantar, abaixando o pescoço até o chão. O jeito do velho, ah, ah. Não?

Faz muito calor mesmo. Eu me sinto todo suado. Pelo menos os serventes que consegui estão acostumados, levam os piquetes e estacas com rapidez milharal abaixo. Como a gente deseja: um trabalho rápido e bem feito.

Está aí, por exemplo, o que também aprendi na escola. Como também aprendi fora dela, já lhe disse. Nela aprendi que não são só azimutes, visadas a vante e a ré, o que mais interessa no meu trabalho, o que é mais importante. (Embora sejam tão bem observados por você com seus novos instrumentos de precisão e pela exatidão com que sua tarefa é executada. Já sabia, como lhe disse, e já pude notar no que fizemos até agora aqui no campo.) Mas eu dizia que não eram só azimutes. Você imagine como serventes desatentos podem atrapalhar? Eu, aliás, se fosse um deles não iria assim tão rápido: sempre é possível andar mais devagar, fazer de conta que uma estaca é difícil de cravar neste chão duro. O chão não é duro, é terra arada de milharal. Mas quem foi que disse que nós dois sabemos disso? Tem mil jeitos: terra dura, andar devagar, imaginar uma touceira com cobra, encontrar um formigueiro bem no ponto de cravar a estaca, deixar ela cair, fazer de conta que a trena embarçou. Digo francamente: isso é o que eu faria, se estivesse no lugar deles. Cada um deve saber de si mesmo. Pra mim então interessam serventes como esses, sem manhas nem truques, e que não tenham medo do trabalho nem do calor. Só assim a gente consegue terminar hoje.

E eu lhe pergunto: por que são rápidos no trabalho, inteligentes nas explicações e nas perguntas, eficientes no piquetear e por que nos deixam tempo para daqui a pouco irmos almoçar com calma enquanto eles vão continuar no trabalho, depois da marmita, preparando o terreno pra gente? Eu não entendo. Não vão mesmo ter emprego no escritório por mais tempo, eles sabem que o trabalho em Alcantis é só esse e que não vou levar ninguém para São Paulo. Não teriam aumento nem subida de cargo, porque não sabem fazer mais do que isso. Sei lá, orgulho de fazer depressa o trabalho? É por isso que digo: o orgulho é burro. Com menos, ganhavam muito mais. São burros, eu acho, por isso não tenho por eles respeito nenhum. Tenho até raiva.

Você é muito quieto, eu acho. Quero dizer, está muito quieto, com cara de fazer de novo alguma pergunta... Isto é, deve ser o calor. Eu mesmo me sinto

cansado, apesar de estar acostumado — a gente deve se acostumar sempre, eu acho —. Para lhe dizer a verdade, tão quente e tão cansado que até mesmo sinto algum desinteresse pelo nosso trabalho, agora. Deve ser fome, sem dúvida. Eu estou com fome e cansado. Porque eu sei muito bem que o seu silêncio é interesse pelo que faz, e se alguma pergunta houvesse não seria feita porque não me acha capaz de respondê-la. E tem razão, se for assim. E eu me sinto mesmo cansado, suado e com fome. Por isso eu pergunto se você não aceita a gente ir almoçar agora. Tem uma churrascaria no posto de gasolina, depois de Alcantis.

Fazia muito calor. Em locais mais baixos, abafados, como é a entrada da cidade, ele criava uma cintilação no asfalto quase derretido. O calor da estrada, ao meio-dia, aborrecido e cansado, servia apenas para me lembrar a casa da fazenda do seu Eustáquio, cadeira de balanço e trepadeira.

Essa fazenda. Eu não entendo muito bem. Se você parar o jipe no acostamento a gente vê melhor. Veja a topografia quase plana, a frente que tem para a estrada, e todos os pastos com bois ou a plantação de milho — ali mesmo, onde estamos trabalhando agora —. Repare como ela é cercada pelas indústrias: a fábrica de pneus de um lado, a Companhia do outro, e aqui do nosso lado da estrada mais quatro ou cinco fábricas pequenas. Não é mais uma fazenda, é um terreno industrial.

Não moro por aqui, aliás só passei por Alcantis pela estrada nas vezes em que fui para o Rio ou para a praia. Conhece o Litoral Norte?

Tão próximo da praia por esta estrada. Me lembrava do tempo que passei com a Julia em Ilhabela em 73. Faz quatro anos. Terminado o empenho, ela me acompanhava no jeito que eu tinha inventado para usar o tempo, e que para ela já era havia muito a maneira de viver. A ilha fornecia tudo o que era preciso. Quase sempre vazia, sol, praia, mar, o chalé, o fumo. Mar, Julia e fumo: com o sol ela ficava mais bonita, o corpo liso (me lembrava das pernas queimadas mais de um lado, quase branca ainda na dobra do joelho). Um tempo só interrompido por um jornal que contava a morte do Luis, como já esperava, e que me estragou o dia. Seja como for, e como sem dinheiro não se vive — a Julia já tinha descoberto como viver na Ilha depois dos seis meses — voltei pra São Paulo. Pouco antes de vir até Alcantis tinha visto seu retrato no jornal, com a história de contrabando: o tempo que tinha passado sem sair da ilha, sol e fumo, deixaram seu rosto diferente. Parecia envelhecido.

Eu gostaria de ter nascido em Alcantis, filho de fazendeiro: já imaginou, de repente, ver a sua fazenda — se tivesse, é claro — transformada em terreno industrial? Imagina quanto vale? Uns cem, duzentos cruzeiros o metro. Esse o grande valor que dou para a indústria. Não acredito mesmo, e lhe aviso para que saiba e também não acredite, que ela fique oferecendo empregos. Você já viu algum empregado ficar rico? Mas quem já tem dinheiro, no lugar em que ela se mete fica mais rico ainda. Veja lá embaixo a torre da igreja de Regência. Atrás da grande fábrica. Quase não se enxerga. É o que digo: acha que alguém que morasse naquela vila ficaria rico? Claro que não, ela é que diminuiu perto do tamanho da fábrica. Mas e quem tem terrenos por aqui? Quem vende uma parte e aplica em São Paulo? Como o Nestor com suas transações na bolsa — um amigo, não, um conhecido meu que você não conhece —: ficou rico com o dinheiro dos outros. Imagina um cara como ele, jogando como ele sabe fazer com ações e open-market, o dinheiro que teria se tivesse terras por aqui? Eu acho que quem tinha vinte e poucos, trinta anos, há anos atrás, e não comprou uma fazenda por aqui é burro.

E enquanto isso fica o velho, seu Eustáquio, com o galo naquela casa velha, na varanda, com tudo isso do lado e suas terras valendo tanto.

Bom, não o critico, o colega parece compreender melhor. Talvez tenha pai fazendeiro? Não? Mas veja o que os outros chamam de progresso que a indústria traz: dinheiro, fábricas, a estrada, postos de gasolina. A churrascaria é ali em frente, junto do posto. Veja como ela tem movimento: isso quer dizer que a comida *deve* ser boa. Eu quero dizer é que tem que ser boa, porque senão a concorrência ganha. E tem movimento. Ora, se tem movimento a carne não fica guardada muito tempo (talvez tenha até carne verde em vez de congelada) e o nosso almoço pode ser melhor do que nas bibocas do lado da estrada, em lugares mais pobres, com menos movimento. Você note as vantagens: a gente pode almoçar bem porque existe indústria por aqui. Isso com certeza: eu destesto rodízio, um monte de gente comendo durante horas qualquer porcaria só porque pagaram antes. Você também não deve gostar de chope quente. E olhando as mesas daqui, com toalha e garçom com uniforme limpo, dá pra perceber que não vamos comer mal. Falo do uniforme do garçom: garçom de uniforme sujo ganha tão pouco que nem pode trocar a roupa, serve mal, e — porque tem raiva, o que se compreende — nem está preocupado com a gorjeta. Por isso prefiro os de uniforme limpo, não pela limpeza mas pelo serviço mesmo.

Tudo isso vem do quê? Não é da indústria que se localizou aqui? Se tivesse uma fazenda, eu por mim... Sei lá, isso é com o velho, não é? Não falta quem se interesse pela fazenda, uma empresa que necessite de expansão para progredir. Como eles dizem, eu quero dizer.

Concorda comigo que com esse calor o melhor é tomar um chope primeiro, depois a gente pensa com mais calma no almoço. Gelado, mas não estupidamente. Com o colarinho certo. (Tudo isso, se você nota, é para descobrir como eles servem o chope por aqui. Mas não espere por nada muito especial.) Bom mesmo é o chope do bar do Nestor.

Ontem, depois da ginástica, estive lá. Com o Paulo, o Nelson e o Vargas. O Vargas, não conhece?, é aliás vendedor de instrumentos de precisão: comprei dele um teodolito. Ele, aliás, que o procure, se quiser, porque isso não é comigo. O Vargas sempre constou na nossa turma ser elegantíssimo. Continua se pretendendo, por isso é que se encontra com a gente na ginástica. Hoje é um gordo feliz. Por isso mesmo ele fala muito, e aproveita para ver se com isso vende, mais um pouco ou se se mete em mais algum negócio. Não que procure assunto: qualquer um interessa. Ontem, por exemplo, quando eu cheguei sabia muito bem do que ele falava. (Cheguei mais tarde porque não tenho pressa desde que tenho meu escritório. Depois da ginástica tomo meu chope mas antes uso a sauna, ducha e outros recursos do clube. Não tenho hora exata de começar a trabalhar, sabe, o que é uma vantagem de quem consegue contar direito com o jeito de ganhar dinheiro.) Falava de mim, é claro, contava pros que não me conheciam que eu era o bonitão do clube. E que me dizem burro. Como o Paulo e o Nestor não me conheciam ainda, me expliquei me apresentando: sou engenheiro e como não sabia o que fazer me formei com trinta anos. Mas burro, (não disse), não sou. E pergunto a você: é burro quem tem negócio como o meu, dinheiro rápido, como com a Companhia? Se a Companhia é aquela do lado da fazenda? Pois é. Mas é claro que nosso trabalho de levantamento da fazenda dá dinheiro, senão nós dois não estaríamos aqui, não é? O que penso é, no futuro, algum contrato grande com a Companhia, espero.

Você por acaso duvida do resultado do trabalho? Do nosso contrato, apenas verbal, não tem dúvidas, não é? Está pensando no tempo que levará para terminar o levantamento? Não se preocupe. Eu sei que terminamos de fechar a poligonal hoje mesmo. Como eu tinha dito, não sei bem ainda qual é o percurso, vamos acabar de percorrê-lo depois do almoço. Às vezes quem sabe fica mais calado, nem é mesmo sinal de dúvida, não é? Só imagino, por exemplo, que você pense na fazenda, seus pastos, milharal e gado.

Por isso é que eu pergunto, porque tenho dúvidas: a fazenda apenas sobrevive. Com o gado e com o milho, provavelmente tem apenas o necessário para arrecadar o que gasta. No fundo, não tem nenhuma diferença das sitiocas que existem mais atrás, com um pessoal — não sei se você notou — que nem mesmo vive delas: a maioria trabalha nas fábricas. Isso é que eu não entendo, quando com o valor do terreno o fazendeiro podia viver rico. O que eu noto é que o colega fica em silêncio pensando no velho: você mistura as coisas, muito emocional e muito inteligente. Não puxo o saco de ninguém, mas o seu silêncio, eu sei, quer dizer QI muito alto. Mas é a vida que ensina, pode crer. Quem quer gado, que vá criar em Mato Grosso. Lá pode dar muito dinheiro, não aqui, do lado de estradas e fábricas em terra muito cara. Ou então, se tem o que tem, que mande. Eu quero dizer: não fique parado na sua varanda, com galo velho do lado. Acho muito bonito, um homem velho com suas tradições, não é isso que você pensa? Mas se ele ainda ouvisse conselhos, eu diria: então mande. Tem muito dinheiro e tem muita gente para ele dirigir, se quisesse.

Um pouco disso tudo são conversas de engenheiro. Curso que, já disse, eu fiz porque não tinha outro. Engenheiro é burro, Não nós dois, cada um do seu jeito; mas quando o engenheiro é mais inteligente se preocupa com lucro, fábrica, dimensões de terras. Eu penso mais nisso. No caminho que tenho, procurei sempre o que pude. Ontem o Vargas falava do tio Cervoni, e isso eu preciso explicar melhor. Talvez você conheça o Engenheiro Cervoni, do Departamento. Ele deve conhecê-lo, como conhece todo mundo como um método. O Vargas contava pro Nelson e pro Paulo que ele tinha montado meu escritório, por isso era chamado de tio. Porra nenhuma: ele é tio de todo mundo! Aliás, foi isso que o Vargas mesmo disse. Eu devo te explicar que ele é chamado de tio porque tem muitos amigos: clientes e protegidos.

Por que não?: quem protege é protegido, e sem proteção ninguém faz nada.

O que eles acham é que tio Cervoni tem provável porcentagem (cauteloso, não é assim que você mesmo diria: provável?) no meu novo escritório. No que não estão errados. Provável... Devo lhe dizer que você é semelhante ao Nelson: nunca você me diria que ele tem, diria provável, porque não tem certeza. O que é muito correto. Mas ele tem uma porcentagem, no escritório que me ajudou a montar, e também ele não está errado.

Primeiro, me arrumou dinheiro para montar o escritório. Mais que isso, me deu a idéia. Além disso, é ele quem conhece todo mundo: é a maneira de conseguir serviço. Então, não preciso pagar com dinheiro do escritório, pago uma porcentagem sobre cada trabalho que ele consegue, sem concorrência. Note bem, ele não é meu sócio, o escritório é só meu. E esse tipo de trabalho, pelo que sei, ele tem com mais alguns colegas. O Vargas chama ele de tio da porcentagem. Eu, no lugar dele, faria a mesma coisa.

Mas isso por causa da conversa de ontem à noite. Bom, o Cervoni é militar, como eu. Não sabia? Isto é, nem eu nem ele somos exatamente militares. Há uma pequena diferença: eu não sou oficial de engenharia. Mas sou engenheiro e tam-

bém oficial da reserva. Como o Cervoni é também engenheiro e oficial. Você se lembra do Porfírio da Paz, duas vezes vice-governador? Ele se metia em tudo, era piqueteiro de greve para alguns jornais. (Eu me lembro, lembra?, dele chefiando o "Piquetão".) Conhecía todo mundo. Pois o Porfírio não era General Farmacêutico?

Veja bem a entrada que eles põem na mesa: salada, farofa, linguiça, molho. É quase um almoço. Se eu tivesse que voltar para a fazenda e carregar piquetes e estacas como os serventes, não comia isso: não ia aguentar o calor. No fundo a gente é um bando de fracos.

Você não toma mais um chope?

Mas ontem à noite, no Nestor, a gente começou a falar sobre quem não se via há muito tempo. (Estou vendo que você se preocupa com o chope, com a entrada e com o churrasco. Por causa do tempo que temos para terminar o trabalho de campo hoje. Não se preocupe: dá tempo. E não é que eu entenda tão bem do trabalho: posso te garantir que não é preciso muito detalhe e exatidão. E o percurso, que ainda não acabamos, não é tão longo assim. Pode ficar sossegado que eu não vou voltar para São Paulo e te deixar terminar o trabalho sozinho.)

Aí, durante o papo, me lembrei do Luisinho. Nosso colega de turma antiga, é Luisinho porque é pequeno mesmo. Na turma tinha eu, o Nelson — hoje outro, pai de família — e o Luisinho, que éramos de briga. Briga, briga mesmo. Eu, aliás, devo-lhe dizer que nunca fui muito de briga. Os dois é que brigavam de verdade. Tinham até sua especialidade: motorista de táxi, chofer de caminhão e entregador de sacaria. (Perto da nossa rua tinha um depósito do Moinho, que trabalhava 24 horas, portanto também na hora da gente voltar pra casa de madrugada, depois do porre e de algum fumo — coisa que já interessava o Luisinho.)

Hoje, ele virou hippie, depois de preso dois anos por tráfico, corrupção de menores e estelionato. Fui eu que consegui soltar. Com meus conhecimentos e com o auxílio do tio Cervoni.

Ele ficou com vergonha de São Paulo: deixou crescer o cabelo e foi comercializar artesanato na praia. Juntou com uma moça que já tinha dois filhos, mudou de vida, e hoje é muito respeitado no pedaço. Por exemplo:

Num fim de semana é quando dá pra vender artesanato. Ele mesmo faz alguma coisa, compra mais alguma de outros, pescadores que fazem cestas e tapetes, hippies e drogados que passam por ali e vendem em consignação de fumo uns objetos de couro e metal. Nos fins de semana a praia fica cheia, desde Mercedes do Guarujá até farofeiros desgarrados, que não pararam antes ou que foram até Bertioiga. Eles não vão tomar banho de mar, mas usar as barraquinhas dos pescadores que vendem peixe e camarão (farofeiro não come porque acha sujo, o pessoal de Mercedes acha bacana: cada burro do seu lado). Tem também gente de lancha que pára perto da praia para olhar porque acham muito bonito o rio que entra no mar carregado de água preta da tintura das frutinhas de uma palmeira que dá por ali. Ou porque acham o remanso bom em dia de vagas e grandes vagas, quando venta sudoeste, e o marinheiro que carregam prefere lançar ferro. Porque eu mesmo nunca vi um comandante de lancha — 21, 30 pés, até muito mais — que entendesse de navegação e enfrentasse mar forte sem a ajuda do marinheiro e boa visibilidade. Como o marinheiro é analfabeto, e como o dono da lancha não distingue ré de vante, azimute de grau e grau de grado, quando o vento vira alguns deles param por ali.

Não interessa: o movimento maior na praia é nos dias de sol, ou fins de semana com muita chuva e muita gente não tendo porra nenhuma pra fazer.

Numa dessas vezes o Luisinho estava vendendo artesanato. Aí chegou um cara, puxou o cabelo dele (como hippie, ele anda com o cabelo comprido até o ombro) e perguntou: quando é que você deixa o lugar pros peixeiros? Isso, enquanto ele atendia uma compradora. O cara, é claro, não era peixeiro: era atravessador. Então não tinha nada a ver com o trabalho do Luisinho, nem com o lugar que ele usava pra vender artesanato.

Os atravessadores ficam donos do trabalho: vendem gelo, conseguem lugar para o pescado no entreposto, revendem pelo preço que querem. Por isso não gostavam de ver o Luisinho por ali. Ele não tinha coisa nenhuma a ver com o peixe, é só chefe do pedaço. E disso eles não gostam.

O Luisinho continuou atendendo a freguesia. Claro que ele não podia interromper a venda, começando um negócio qualquer de vender um tapete de taboa por 1.000 comprado por 200, ou alguma coisa assim, num dos poucos dias de sol no fim de semana. É quando recebe o dinheiro, o resto do tempo não tem o que fazer. Com muita calma. Continuou mostrando a mercadoria, discutindo o preço com a compradora, dando a necessária atenção a quem comprava, enquanto o cara ficava de pé ao lado dele. Uma vez e meia a sua altura e bem mais forte, porque o Luisinho é magro. Como se não estivesse acontecendo coisa nenhuma. Atendeu quem esperava, com cuidado, até todos irem embora. Aí, quebrou a cara do sujeito (aliás o maior da praia). Depois que ele caiu no chão, malhou com um remo. Foi preso de novo.

Eu, que estava trabalhando na Base Aeronaval, ajudei outra vez. Primeiro, não deixei que ele fosse preso de qualquer jeito, nem que apanhasse. Depois, conhecendo o delegado, expliquei direito o que tinha acontecido, consegui que ele fosse solto antes que chegasse alguma informação sobre a prisão que ele teve antes. Porque aí ia ser reincidente e a coisa ia ficar muito complicada. Só uma questão de conhecimento, das pessoas e da lei, de como ela opera. O delegado foi muito compreensivo e logo depois o Luisinho começou a trabalhar de novo na praia. Hoje o pedaço é dele mesmo, ninguém mais vai querer criar caso, e ficou muito respeitado.

Ficou muito contente, também. Por isso me empresta sempre o barco. É uma traineira antiga, que ele conseguiu comprar, ou trocar por alguma coisa, depois que começou a morar na praia. Fica sempre ancorada no remanso, ele usa pouco, às vezes empresta para os pescadores em troca de uma participação na pesca. Tem um motor Diesel antigo, mas que não dá trabalho. Já saí com ela algumas vezes, tem sempre algum pescador que serve de marinheiro, espaço pra um beliche, e muita menina que acha um barato dar uma volta no barco no fim de semana. Quando é rica, acha melhor do que sair de lancha ou veleiro. Não sei se é o cheiro do óleo e do peixe, mas garanto que funciona. A gente sai de barco, dá uma volta por perto, às vezes pesca alguma coisa. Depois é claro arruma um bom hotel, com café da manhã e apartamento com tv.

Se você quiser o barco está a sua disposição. É meu, é nosso. É só procurar o Luisinho e dizer que é meu amigo.

Faz muito calor, não acha? Pelo menos o chope está gelado.

Mas eu te falava do Luisinho. O que eu não sei é se a dele é uma boa. Ele está muito misturado com os pescadores, os hippies, o pedaço. No fundo, o que ele faz é a imitação de muita gente: quanta gente não se meteu nessa de viver na praia, artesanato, ecologia, coisas assim? Parece que está na dele. Mas eu acho que é uma coisa que existe há muito tempo, pelo menos não foi ele quem inventou. Sair de São Paulo, morar na praia se quisesse, tudo muito bem. Até mesmo passar

a semana sem fazer nada, queimando fumo ou saindo de barco, lá com a mulher dele e as duas crianças. Mas viver de artesanato: isso não é a dele. No fundo, aprendeu com quem começou a fazer isso muito antes. Por isso é que eu não sei se a dele é mesmo uma boa. Porque eu acho que não se deve aprender com ninguém.

É preciso ser ruim.

O Luisinho sabe brigar. Foi por isso que ficou mesmo dono do pedaço, malhando o cara com o remo depois de derrubar. Mas é preciso saber ser ruim. O Bubi Costa, por exemplo, não está com nada. Não é ruim. Não está com nada porque não tem domínio de si. Ora veja, um cara que tem uma amante como a dele, que transa com ela, que transa pó, deve entender muito bem as coisas. Eu sei muito bem que foi por causa do pó que ele acabou, de porre, matando ela. Depois vem inventar essa história da fulana que era amante dela, histórias dela querer dormir com ele e a amante. Não quisesse não fosse. Nem uma coisa nem outra explicam nada. Ele não tinha era controle de si, por isso matou ela. Isso não é ser ruim. É ser burro.

Veja bem o meu caso. Tive meu tempo da turma da Bela Vista, Vargas, Luisinho, Nelson, juntos mais uma porção. Naquela época, eu fui alcoólatra. Mas não fui um alcoólatra bom. Alcoólatra bom é aquele que não se preocupa com as coisas, bebe porque quer mesmo, não mistura o que quer com cuidados, dorme na sarjeta. Eu era alcoólatra ruim. Bebia até cair. Mas tinha meus cuidados. Comia bem, me alimentava, fazia ginástica. Alcoólatra, mas comendo ovo todo dia. Até hoje faço ginástica, tenho resistência, faço barra. Alcoólatra bom é o que mostra, dormindo na sarjeta.

Tem gente que eu admiro muito. Sabe quem? O Arafat. Eu não sou turco, muito menos palestino. (O colega é árabe? Não, pois bem.) Agora, mais que ele eu admiro o Kadafi. Admiro o Kadafi pelo seguinte.

Existe nos Estados Unidos um tesão de mulher. Tem QI, branca, loura, aristocrata do Sul. *Wasp* eles chamam lá, o que quer dizer vespa. Bom, mas um tesão, moça, rica, inteligente, finíssima. Como eu disse, aristocrata do Sul.

Essa mulher tinha também um preço altíssimo. É o que eu digo: todo mundo tem. O dela, que não precisava de dinheiro, devia ser alto mesmo, você pode imaginar. Pois o Kissinger comprou a mulher pro Kadafi. O Kadafi percebeu. Pois aí é que está: só pra chatear o Kissinger, ele fingiu que era bicha. É isso que eu gosto nele: ele sabe fazer e faz.

É como os super-homens. Super-homens são aqueles que têm a faca e o queijo na mão. Mas isso não basta. O importante é saber usar a faca e o queijo. Eu tenho, e sei usar sem cair numa de Bubi Costa.

Na hora da gente voltar? A conta eu pago. Ora, eu pago porque eu ganho. Das coisas que eu te conto você saca melhor, não? Tem QI. E por isso quer sempre me pegar, no seu silêncio. Percebe? É diferente dos amigos que tenho, que não lêem e estão por fora.

É preciso sempre dar uma de grande. Nunca ando com menos de 800 cruzeiros no bolso. Começou um bate-boca, tiro uma nota de 500 pra comprar um maço de cigarro. Um conselho, que lhe dou.

Eu, estou só e quero morrer só, como um cachorro. Já lhe falei dos super-homens. Tenho, como lhe disse, a faca e o queijo na mão. E sei das coisas.

O jipe está do outro lado do pátio, pra lá das bombas de gasolina. Mande lavar enquanto a gente almoçava, não percebeu?

Eu dizia que estou só. Hoje eu tenho um caso com uma filha de um cobraão. 18 anos, entrou na faculdade, não é burra, mas também não enche o saco. Assim:

cada um na sua, juntos na cama, porque eu não quero atrapalhar a vida dela nem ela a minha. Não sei, é capaz de gostar mesmo de mim, mas já percebeu direito qual é a nossa, nenhum dos dois fica enchendo o saco do outro.

Eu não sou de falar as coisas, veja bem. Porque eu durmo com ela. Eu posso dormir com ela, mas no fundo eu sou do Bixiga e corinthiano. Eu sou povo mesmo. Como meu avô, eu sou Siciliano. Então não devo falar sobre esse assunto. Por isso só falo entre nós dois, como comentei ontem à noite, pelo seguinte. Queriam fazer uma reportagem sobre o comportamento sexual do homem brasileiro. Dada a nossa ligação — minha com a menina — queriam me entrevistar. Aliás chegaram a falar comigo e a explicar melhor: queriam me entrevistar sobre a virgindade. Respondi que eu não sou de falar sobre essas coisas. Porque, veja bem, posso ter minha opinião, ela ter a dela, cada um ter a sua. Pensando de um jeito, acho que nem tem sentido falar na coisa. Se falar por todos, posso achar uma coisa diferente. Mas aí eu tinha, acima de tudo, de manter o meu silêncio: como é que eu podia falar uma coisa dessas pra um jornal?

Ponto C, ponto B, ponto A: subindo assim pelo milharal vamos dando a volta contrária nas divisas que levantamos até há pouco, note bem. Vantagens do jipe, que dispensa estradas. Se a gente pensar um pouco, aliás, tanto faz começar de um ponto ou de outro: o importante é seguir direito o percurso até o fim. Por isso é que topografia se parece tanto com navegação. Se você me perguntar de novo exatamente o que estamos levantando, é disso que eu me lembro. Como o teste que o Vargas quis me fazer quando contei que era Capitão de longo curso. Não sabia? Pois sou.

Não é que eu seja dado à marinhagem. Mas as oportunidades não se perde. Primeiro, a gente gosta de barco e lancha, não acha? Eu, pelo menos, com conhecidos e podendo usá-la na medida do dinheiro que eu possa gastar é claro, já tinha intenções de conseguir a carta de mestre amador. Como você deve saber, ninguém pode pilotar um barco sem ela. Depois de dois anos pode ser capitão, dependendo de novo exame e tempo de navegação. Pois falando nisso é que o Vargas me colocou o seguinte problema, na frente dos outros, para ver como eu me virava. Seja então a seguinte situação: a noite é de tempestade, a bússola está quebrada, o céu sem estrelas. Primeiro que ele estava errado, porque no mar quem tem um não tem nada, e não se iam quebrar duas bússolas. Mas seja. Vê-se então, de qualquer forma, que ele não tem a menor experiência de mar. Porque o homem do mar é um homem sem tempo. Quem não chega hoje chega amanhã, no mês que vem. Então a regra básica do mar é: a situação está preta?, joga a âncora e fica quieto. Aí o Vargas continuou: crescente-se, também não tem âncora.

Ora, ser um capitão de longo curso não é tão simples assim. Primeiro, quase ninguém consegue porque dono de lancha não entende de navegação astronômica. Se já não conseguem traçar um curso numa carta, quanto mais observar estrelas com sextante e cronômetro. E no fundo, se a topografia me ajudou, também não foi tanto, porque o curso de astronomia não me preocupava na escola. Afinal a gente faz levantamento é de dia mesmo, não é? A não ser, é claro, quem tem um instrumental moderno como o seu, com raio laser e tudo, não é isso?

Mas minha vantagem foi ser engenheiro estagiário na Base. A contagem do tempo de navegação, que isso é o mais difícil, consegui de maneira muito simples. Como a lancha saía para vistorias, eu saía com ela. Não tinha muito o que fazer por lá como engenheiro, e a lancha ficava percorrendo o canal, verificando berço, balizas e bóias. Fiquei muito amigo do comandante dela, que saía à noite. As-

sim combinei o número de horas necessárias, dormia de dia e ficava acordado de noite. Porque é preciso ser bom em tudo. Consegui o brevê de capitão.

O cara tem mesmo é que ser ruim, porque a vida é uma batalha. Mas eu insisto que é preciso saber o que é ser ruim.

Faz muito calor agora, não acha? Depois do meio-dia é que fica mais quente, provavelmente a terra absorve calor, ou será o grau de incidência do sol? Nesta parte do ano... Eu não ia mesmo conseguir andar como andam os serventes, não sei como continuam, mesmo com chapéu. Pelo menos essa vantagem você percebe: quem consegue fica manejando apenas o instrumento, aqui debaixo do guarda-sol. É o nível que atingimos como engenheiros, note bem. Há quem faça diferente: o Quintela, topógrafo muitíssimo capaz, só trabalhava das 4 às 10 da manhã e no finzinho da tarde. Não conheceu? E conseguia grandes resultados, com uma exatidão em que ele sempre insistia, e com rapidez. O que significa que também ganhava dinheiro.

Olhe, todo mundo é manipulável! Por exemplo, da próxima guerra só eu sei. Vai ser entre o Peru e o Chile. Sabe por quê? Por causa do corvo.

Eu lhe conto.

Não acha que podia apressar um pouco a colocação dos piquetes? Já são duas horas, temos mais quatro horas de sol, mas quanto mais cedo a gente acabar melhor, não acha? Acha pouco quatro horas? Não, não é. Quer dizer, não tenho certeza, mas tenho a impressão de que o percurso não é tão longo assim. Talvez até mesmo a gente encontre algum marco colocado...

Mas veja: numa guerra muito antiga, entre peruanos e chilenos, usavam uma baioneta. Com ela é que um cutucava o outro, era mais mortífera que os tiros, e sempre acabavam cada ataque com a morte dos prisioneiros, população civil, velhos e crianças, com ele: o corvo. Isso marcou muito a população. Então, a nova guerra é muito fácil, manipulando o povo com referências ao corvo. Acho isso muito bonito: lutarem pelos antepassados, sem deixar barato.

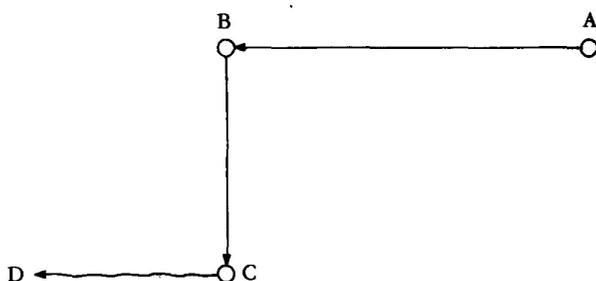
Como morre gente, sem que ninguém saiba! Pensa que basta ler o jornal para ter uma idéia? Nem enchentes, nem terremotos, nem guerras são todos conhecidos. Por ligações que tenho, fiz uma viagem ao Norte. Conhece X? (Não posso dizer o nome, então vamos assumir uma variável.) Olhe, só lá morrem uns 30 por dia. Peste bubônica. Aliás, não se lembra também, lendo nos jornais há anos, das tentativas de guerrilhas que não deram certo por causa da peste? Da peste ninguém sabe, não se tem nenhuma notícia a respeito. Por favor, não revele nunca.

Sempre me interessei por tudo, também pela selva. Não sou pescador nem caçador: isso é pra quem gosta de ficar matando bicho à toa, ou de ficar sentado na barranca do rio ou num barco esperando um tempão pra pegar um peixe. Não acredite nas histórias de pescador, muito menos nas de caçador. Eu mesmo tenho um amigo, psiquiatra, que conta suas caçadas de jacarés. Vai tudo muito bem, até quando ele conta, se a gente pergunta, onde foi caçar. Da última vez me contou de um lugar no Oeste de São Paulo. Ora, quem já viu psiquiatra pescando jacaré no Oeste? Já lhe contei que fui alcoólatra ruim, com ovo para me alimentar. Mas já vi muito alcoólatra bom, dos que caem na rua. Borboletas, galos, cobras, jacarés, aparecem muito em delirium tremens. Já disse pro meu amigo psiquiatra que o trabalho dele é que deve ter dado a idéia dos jacarés. Sabe quantos alcoólatras, alcoólatras mesmo, de precisar de internação no INPS, existem no Brasil? 8 milhões, me disseram.

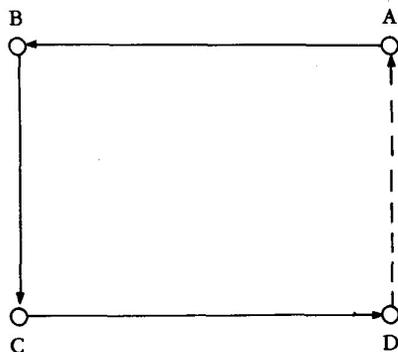
Das mortes, quem me falou foi um colega nosso, engenheiro, que anda fazendo trabalhos na região de Cuiabá.

Eu sei de tudo. Tudo é podre. Portanto, sem escapatória. Daí é preciso ser ruim. Você quer saber uma coisa: quanto arrecada um amigo meu com proteção ao tráfico? É, de entorpecentes, estupefacientes, até escravas brancas? Note que sei disso, e lhe peço discrição a respeito, por causa das ligações que tenho e mantenho. Afinal, é preciso saber de tudo, conheço as bocas. Pois ele arrecada dois milhões por semana.

Agora, quanto ao nosso trabalho, acho bom a gente tentar apressar: vamos terminar hoje com a marcação dos pontos. Quadrilátero? Pois é, se são quatro pontos, trata-se de um quadrilátero. Quadrilátero = quatro lados? Pois é, é claro, as origens gregas da nossa língua. Bom, já temos bem demarcados A, B e C e as respectivas distâncias. Falta o último ponto. Ou seja, falta ir até lá embaixo com o jipe, fazer as visadas com o teodolito e mandar os serventes seguirem para a direita. Esquerda? Depende de onde se olha, ah, ah. Mas veja bem:



Como? Não fecha nem inclui a fazenda do seu Eustáquio, é verdade, mas insisto que o ponto D termina nosso trabalho e deflete à direita. Entendo seu ponto de vista: para fazer um levantamento completo da fazenda, o ponto D deveria ficar à esquerda, talvez seguido de alguns outros, até chegar ao ponto A, não é? Não precisa desenhar, deixe o lápis comigo e eu mesmo faço o esquema do que você está imaginando. Seria, ao contrário do que eu digo, alguma coisa assim, não é?



Começando do ponto A, indo até o ponto B, depois C, passando pelo canal, depois fechando de novo em A e, assim, incluindo canal, pastos, a casa e fazenda de seu Eustáquio. Mas é como eu lhe disse. Vamos defletir à direita, até encontrar um marco de concreto já existente.

Por quê? Porque você erra por isso, não desconfia, leva em conta só o aparente, como lhe é dito.

Olhe: eu já lhe falei das indústrias aqui ao lado, na estrada, vizinhas à fazenda, no grande valor da terra. Você acha que o velho, que insiste em ficar no seu terraço com o galo índio, ia se preocupar com levantamentos, se nem pensa em vender? Não lhe falei principalmente da Companhia? Note as divisas. Note como a Companhia cerca a fazenda, num terreno já coberto de fábricas e construções. Você acha que uma fábrica pode existir sem crescer sempre, que é o que lhe dá mais lucro? É claro que interessa para ela essa área. Mais que isso, eu posso agora te contar: pelos contatos que me procuraram, ela tem grande interesse na fazenda. E pode até mesmo conseguir desapropriar, aí basta estipular um valor em juízo, dados os superiores interesses que representa. Então, e como agora você já notou, só interessa levantar o terreno até o marco de concreto, na divisa dos novos terrenos da Companhia.

Você fica em dúvida, não compreende? Não, porque eu conheço muito bem sua cultura, como já lhe disse. E eu também já o conheço o suficiente. Só lhe peço que não leve a sério isso em que pensa: não pare o trabalho agora, é seu próprio interesse. Eu teria que terminar esse resto sozinho, você ia embora por nada, eu te aconselho. E você acha que seria possível fazer um trabalho bem remunerado se não fosse solicitado por quem realmente pode pagar?

Veja bem: há altos interesses nessa questão, devo-lhe dizer. Sei por mim mesmo, afinal sei no que mexo. Depois, eu é que fui procurado no meu escritório (não lhe posso dizer o nome) por quem se interessava pelo levantamento. Não é preposto de pouca importância, gente muito maior do que você pensa e que não ia aceitar que não fosse feito o que foi contratado.

Por mim concordo, é claro. Mas o colega deve entender que há valores muito altos envolvidos, perto dos quais o meu — digo, o nosso contrato, embora mesmo que você não participasse de nada ainda seria executado, não é? — tem um valor muito pequeno. Posso lhe mostrar os papéis: não estamos lidando com coisa pequena, é um valor que recompensa, posso-lhe garantir que não revelei tudo para o acerto final porque no fundo acho que poderemos obter muito mais. Fora novos trabalhos, com a sua capacidade que sempre elogiei.

Já sei. O que o preocupa é o velho. Seu Eustáquio. Note uma coisa: acha que alguém ia desapropriar essa fazenda por um valor pequeno, acha que o preço do terreno não está quase perfeitamente definido na região? Não lhe falei em cem cruzeiros o metro quadrado? Olhe sua caderneta de campo: pode imaginar quantos alqueires, a esse preço, e quanto isso significa?

Notei, pelo seu silêncio, um certo desacordo. Que você talvez insista em não prosseguir o trabalho. Então, lhe conto.

Procurei manter em segredo até agora, não via mesmo porque lhe contar o que é tão particular, nem gosto, como já lhe disse, de falar muito a respeito de coisas privadas. Só aceitei este trabalho por um motivo: porque não acho justo uma pessoa como ele, por desconhecimento do assunto, passar o fim da vida sem poder usar tudo aquilo que lhe cabe por direito. Com a desapropriação, seu Eustáquio vai receber um valor mais do que justo, depois de toda uma vida. Seria, eu lhe digo, uma bela surpresa para um homem como ele. Tentei lhe esconder até agora. Mas tenho certeza de que você é um homem bom e deve ficar contente com isso, não é?